

Animais Peçonhentos x Venenosos: Ensinando e Conscientizando

Área Temática: Educação

Mariana Yolanda de Castro Rocha¹, Ricardo Lourenço de Moraes², Fernanda Petrancini Marqui¹, Letícia Vieira Ferreira¹, Igor Fernandes Rocha¹, Dulcineia Ester Pagani Gianotto², Paulo Inada², Marcos Rogério Busso Luz³

¹Alunos do curso de Ciências Biológicas, bolsista SEM FRONTEIRAS/SETI-UEM, contatos: mazinha_castro97@hotmail.com, fernanda_marqui@hotmail.com, vfleticia@gmail.com, igor.rocha65@hotmail.com.

²Profs. Depto de Biologia– DBI/UEM, contato: ricardo_lmoraes@hotmail.com, pinada@uem.br, depgianoto@uem.br.

³Aluno do Doutorado Educação para a Ciência e a Matemática, bolsista SEM FRONTEIRAS/SETI-UEM, contato: m.rogerioluz@hotmail.com

Resumo. *Este trabalho objetivou demonstrar como a educação ambiental pode desenvolver uma maior conscientização nos alunos acerca dos animais peçonhentos. O assunto foi abordado através de oficinas pedagógicas para demonstrar a importância de tais animais para o ecossistema, nichos ecológicos, prevenção de acidentes e modo de agir no caso da ocorrência dos mesmos. Dispondo de métodos alternativos, como a apresentação dos animais imersos em álcool, procurou-se despertar a curiosidade dos estudantes para este tema muitas vezes estereotipado negativamente, contribuindo dessa forma para a preservação desses animais.*

Palavras-chave: *educação ambiental – oficinas pedagógicas – aprendizagem*

Introdução

O projeto “Inter-AGINDO nas escolas com cons-CIÊNCIA: reconstruindo espaços e produzindo conhecimento” (Programa Universidade Sem Fronteiras, Subprograma: Educação/SETI-PR) tem como um dos objetivos propiciar aos alunos integrantes do projeto, do curso de graduação em Ciências Biológicas-Licenciatura/UEM, a vivência da prática docente em suas várias etapas do processo de ensino-aprendizagem.

Diversas são as estratégias de ensino-aprendizagem que podem ser exploradas e adotadas pelos professores para que o ensino se dinamize (RODRIGUES, 2007). Segundo Vieira e Volquind (2002), a aplicação de oficinas é “uma forma de ensinar e aprender, mediante a realização de algo feito coletivamente”. Assim, a oficina se torna uma ótima estratégia de ensino, tendo a possibilidade de romper a hierarquia existente entre professores e alunos, proporcionando uma experiência na qual haja o ensino e a aprendizagem de ambos, deixando de lado o modo de ensino tradicional.

Uma oficina de animais peçonhentos e venenosos visa auxiliar na formação de novos valores e uma cultura de conservação dos animais peçonhentos pelos alunos e seus familiares através da construção do conhecimento, sobretudo na eliminação de mitos e da compreensão de aspectos ecológicos, com a ajuda da ecologia ambiental.

Mudanças ambientais acarretadas pelo homem estão reduzindo a qualidade e disponibilidade de habitats, tornando mais frequente o aparecimento de animais peçonhentos, principalmente na zona rural (OLIVEIRA et al., 2013).

Por definição temos que um animal é peçonhento se possuir sistema especializado para inocular o veneno. Incluídos na diversificada fauna brasileira, estes

animais ganham destaque por seu importante papel ecológico e pelos casos de acidentes envolvidos (FUNED, 2009). Já os animais venenosos são categorizados por não possuírem órgão inoculador do veneno e, sim, apenas uma glândula paratóide, responsável por produzir o veneno e liberá-lo (SAKATE, OLIVEIRA, 2000).

A educação ambiental surgiu como resposta á preocupação da sociedade com o meio ambiente e o futuro da vida, sendo utilizada como ferramenta de mudança nas relações do homem com o ambiente (EFFTING, 2007).

Objetivos

Objetivou-se com essa oficina realizar uma atividade que trouxesse para perto dos alunos exemplos de animais presentes no dia a dia, a fim de instigar a curiosidade e o senso crítico do aluno, além de poder mostrar as características distintivas notáveis entre animais facilmente confundidos e também desmistificar alguns conceitos e pauta-los em conhecimentos científicos, deixando de lado o senso comum.

Metodologia

A oficina pedagógica foi aplicada em três turmas de segundos anos, de cerca de 30 alunos cada, do Colégio Estadual Paiçandu, Paiçandu- PR.

Para melhor desenvolvimento da oficina, iniciamos organizando os alunos em círculos, e logo após apresentamos uma problematização sobre o tema proposto na oficina, questionando sobre o que são animais peçonhentos, a fim de investigar sobre o conhecimento prévio dos alunos. Em seguida, explicamos e diferenciamos os animais peçonhentos dos animais venenosos.

Em um segundo momento, trabalhamos a conscientização desses animais por meio de perguntas, questionando os alunos sobre: “Qual horário costumam ver esses animais no ambiente?”, “Quais são as presas desses animais? ”, “Ao nos ver, esses animais nos atacam ou fogem?”, “Você já os viram na natureza?”, “ Qual sua reação ao encontra-los?” . Isso possibilitou que refletissem sobre as consequências que a ausência destes animais traz para o meio ambiente.

Após esse momento teórico, iniciamos a prática por meio da apresentação de exemplares fixados no álcool. Para uma apresentação mais ordenada, iniciamos com os animais peçonhentos invertebrados: abelhas, vespas, aranhas e escorpiões de diferentes espécies. Depois, avançamos na escala evolutiva, chegando aos vertebrados. Iniciamos com os anfíbios, mostrando espécimes de sapos, de rãs e de pererecas. Na sequência, apresentamos os reptéis, evidenciando as apomorfias de cada um dos animais, além de diferenciar animais comumente parecidos com a apresentação dos espécimes.

Os alunos puderam observar e tocar os animais, facilitando o entendimento sobre o assunto.

Resultados e considerações

As expressões de medo e nojo demonstradas pelos alunos, diante de tais animais foram constantes, porém ficaram muito interessados e questionaram bastante sobre os mitos e verdades dos animais mostrados, e puderam entender sua importância no ambiente. Ao final da oficina, já haviam percebido que matar estes animais é causar uma mudança drástica em toda a cadeia alimentar.

Quando iniciamos a explicação sobre os animais vertebrados, os questionamentos foram mais frequentes em relação com os invertebrados. Muitos alunos fizeram perguntas voltadas ao senso comum, como: “A urina do sapo pode

cegar?”, “Cada anel do guizo da cobra cascavel é indicativo de um ano de vida?”, “Quanto mais comprida a cobra, mais velha ela é?”, “Todo anfíbio possui veneno?”, “Como o veneno do sapo é liberado?”. Com essas perguntas, conseguimos desmistificar alguns conceitos, além de averiguar as percepções, verificar abordagem da temática e relacionar o saber popular com o científico.

Foi possível notar o interesse dos alunos ao longo de toda a aula. A intenção era usar as características distintivas para o reconhecimento dos animais, porém a cada exemplo passado de carteira em carteira, mais perguntas eram feitas, principalmente relacionadas a morfologia desses animais. A curiosidade atrelada ao interesse em aprender, fazia com que os alunos observassem não apenas as características ditas durante a parte teórica, mas também os levavam a observar mais precisamente o material exposto. Em um momento, fomos questionadas sobre estruturas morfológicas não reconhecidas por eles, o que causou um despertar a mais em todo os alunos da sala.

De acordo com o relato de alguns dos alunos, a conscientização destes animais é algo pouco comum em salas de aula, e que saber diferenciar uma espécie da outra é de suma importância para o dia a dia, já que, na maioria dos casos, a morte destes animais se dá pela falta de conhecimentos aliada ao medo que provocam.

Para Piaget (1975), o desenvolvimento cognitivo depende da ação e interação do sujeito com o objeto, sendo assim um processo contínuo. A educação tem o objetivo de favorecer o crescimento do aluno por seu próprio meio, oferecendo-lhe condições para que isso corra. As oficinas são ótimas práticas didáticas que permite aos alunos um melhor aprendizado, utilizando-se de metodologias que os fazem encontrar suas próprias respostas, mediada pelo professor, e assim, construir soluções para os problemas apresentados.

Para nós, alunos de graduação em licenciatura, experiências como esta é de total importância para o um melhor desenvolvimento profissional, visto que é possível observar e vivenciar a realidade dos alunos e das escolas, trazendo consigo ideias que visem melhorar o ensino público brasileiro. A interação com os alunos e a sensação de que o conhecimento foi exposto de uma forma que os atrai e os fazem ter a vontade de aprender, nos leva a querer cada vez mais trazer métodos que dinamizem o processo de ensino-aprendizagem nas salas de aula, tentando deixar de lado o ensino tradicionalista, abordado por tantos professores.

Referências

ANIMAIS VENENOSOS SERPENTES, ANFÍBIOS, ARANHAS, ESCORPIÕES, INSETOS E LACRAIAS. São Paulo: 2.ed.Rev.ampl., 2017. Instituto Butantan. Disponível em: <http://publicacoeseducativas.butantan.gov.br/web/animais-venenosos/pages/pdf/animais_venenosos.pdf>. Acesso em: ago. 2019.

EFFTING, T. R. Educação ambiental nas escolas públicas: realidade e desafios. 2007. 78 f. Monografia (Especialização) - Curso de planejamento Para O Desenvolvimento Sustentável, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, Marechal Cândido Rondon, 2007.

FUNED - Fundação Ezequiel Dias. Animais peçonhentos. Belo Horizonte. 3ª edição. Outubro de 2009.

OLIVEIRA, Hellyson Fidel Araújo de; COSTA, Cristiane Francisca da; SASSI, Roberto. Relatos de acidentes por animais peçonhentos e medicina popular em

agricultores de Cuité, região do Curimataú, Paraíba, Brasil. Revista Brasileira Epidemiologia, São Paulo, p.633-643, 2013.

PIAGET, J. A formação do símbolo na criança. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1975.

RODRIGUES, R. C. Estratégias de ensino e aprendizagem para modalidade de educação a distância. In: Congresso Internacional de Educação a Distância. 2007.

SAKATE, M.; OLIVEIRA, P.C.L. Toad envenoming in dogs: effects and treatment. Journal Venomous Animal sand Toxins, v.1, n.6, p.53-62, 2000.

VIEIRA, Elaine; VOLQUIND, Lea. Oficinas de ensino: O que? Por quê? Como? 4. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.